



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

CAIO FELIPE VARELA MARTINS

O PAPEL DO CORPO NA EXISTÊNCIA ACOMPANHADA

CAMPINA GRANDE

2014

CAIO FELIPE VARELA MARTINS

O PAPEL DO CORPO NA EXISTÊNCIA ACOMPANHADA

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia Contemporânea

Orientador: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho.

CAMPINA GRANDE

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M386p Martins, Caio Felipe Varela.
O papel do corpo na existência acompanhada [manuscrito] /
Caio Felipe Varela Martins. - 2014.
35 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho,
Departamento de Filosofia e Ciências Sociais".

1. Ontologia fenomenológica. 2. Filosofia sartreana. 3.
Existencialismo. 4. Corpo. I. Título.

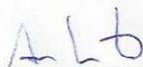
21. ed. CDD 111

CAIO FELIPE VARELA MARTINS

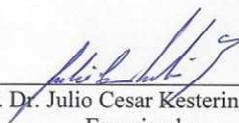
O papel do corpo na existência acompanhada

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

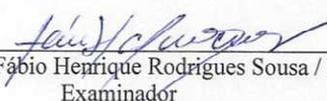
Aprovado em 03/12/2014.



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Orientador



Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Examinador



Prof. Me. Fábio Henrique Rodrigues Sousa / UEPB
Examinador

Dedico este trabalho ao devir, ao meu e ao de todos,
por ser condição indissociável da realidade humana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Maria Marta Gomes Varela, minha mãe, por ser além de pessoa inigualável, batalhadora, para mim, mãe, pai, avó e tia, ser humilde e saber que quando se trata da vida profissional, o melhor caminho a se seguir é o caminho do amor à profissão e não o caminho financeiro, agradeço por ter me dado o apoio incondicional no caminho que trilhei e trilharei daqui para frente. A Carlos Eduardo Martins, meu pai, que apesar de estar longe, sei do seu apoio emocional em relação à minha vida acadêmica, e através de seu apoio financeiro pude ter uma experiência mais leve, podendo me focar nos estudos.

Agradeço aos meus amigos, principalmente à Joana de Souto Gomes, com quem não pude apenas caminhar nesta estrada longa da graduação, mas viver a experiência da vida universitária, de uma relação de amizade verdadeira, fraterna e, acima de tudo, filosófica, por todas as discussões, por todas as conversas, por todas as dificuldades, não apenas acadêmicas, que enfrentamos juntos, um muito obrigado ainda é pouco para expressar esse sentimento! À Maria Clara Pereira Santos, amiga, irmã, e companheira, obrigado por todas as experiências vividas, todos os conselhos trocados, e principalmente por todo engrandecimento que me proporcionaste como pessoa; junto com Joana vocês são minha família escolhida no meio do mundo.

Um muito obrigado a todos os meus colegas de classe, com uma certa atenção a Marcos Marcílio, Daniel Avelino, Márcia de Souza, e Rosinete de Lima, foi muito gratificante ter tido a experiência de crescer na filosofia e na academia com vocês!

Obrigado ao professor Arlindo Aguiar, por, apesar do tempo curto, ter aceitado o pedido de orientação, e ter ajudado na construção de tal texto. A todos os professores de filosofia que tive a oportunidade de aprender e avançar em tal caminho árduo do aprendizado da filosofia: a Daniel Figueiredo, Fábio Rodrigues, Nilton Conserva, Júlio Kesting, Simone Marinho e Valmir Pereira.

Finalmente, minha gratidão à todos com quem mantive relações durante estes quatro anos de curso e que, de alguma forma, contribuíram para que eu estivesse no final desta caminhada: Mariana Maia, Hugo Oliveira, Anne Rodrigues, Bruno Ambrosino e Lucas Lacerda obrigado por todo crescimento pessoal e intelectual que pude ter ao lado de vocês.

Uma consciência nada é sem síntese de unificação, mas não há síntese de unificação de consciência sem forma do Eu nem ponto de vista do Eu, ou ponto de vista da individualidade (Ego). (Deleuze, 1969, p.105)

RESUMO

Este texto tem o objetivo de mostrar uma via da filosofia sartreana que aborda a existência do Outro, como o ser se porta com relação a esta, e quais são as características do encontro com o semelhante, que ao mesmo tempo é diferente. A pesquisa foi realizada através de exploração bibliográfica da obra de Sartre *O Ser e o Nada*, além de outros textos que foram desenvolvidos a partir da vasta bibliografia do autor. No texto é abordado além das relações com o Outro, o papel do corpo na filosofia sartriana, e como essas relações são tomadas pela via corporal, como se chega à percepção do corpo, e o olhar que se tem sobre este, tanto o corpo do Eu, como o do Outro. Buscando-se uma visão mais abrangente da via filosófica do existencialismo e como esta influencia a visão do ser em relação ao mundo e ao Outro. Mostrando-se os conceitos principais para um entendimento maior da obra do autor, e refinando, ao mesmo tempo em que abrange tal filosofia através dos capítulos colocados no texto.

PALAVRAS-CHAVE: Sartre. Outro. Corpo

ABSTRACT

The present text has the objective to show a way of the sartrean philosophy that approaches the existence of the Other, how the being behaves concerning this existence, e wich are the characteristics of the encounter with the resemblant, that is different at the same time. The research was performed through the bibliographical study of the Sartre's work "Being and Nothingness", besides other articles that were developed from the vast author's work. In the text is approached besides the relation with the Other, the role of the body on the sartrean philosophy, and how those relations are taken from the corporal view, how to reach the body's perception, and the view that one has about it, the body of the I, and the body of the Other. searching for a more embracing view of the existentialist's philosophy way and how this one influences the view of the being regarding the world and the Other. Showing main concepts for a greater understanding of the author, and refining, as it embraces this one philosophy through the chapters that are in the text.

KEY-WORDS: Sartre. Other. Body.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	CONCEITOS PARA O ENTENDIMENTO DA ONTOLOGIA FENOMENOLÓGICA.....	11
3	A EXISTÊNCIA DO OUTRO.....	16
3.1	As relações com o Outro.....	18
3.2	O encontro.....	20
4	O CORPO E SUAS DIMENSÕES.....	23
4.1	O corpo Para-si.....	24
4.2	O corpo Para-outro.....	28
4.3	O corpo-visto.....	30
5	CONCLUSÃO.....	33
	REFERÊNCIAS	35

1. INTRODUÇÃO

Será abordado neste texto o problema do Ser Para-Outro de acordo com Jean-Paul Sartre. Temos o objetivo de detalhar de forma concisa o tema colocado na obra *O Ser e o Nada* do autor, principalmente em sua terceira parte: *O Para-Outro*. A metodologia usada será leitura e pesquisa acerca do assunto, usando a obra como parte principal de pesquisa com o objetivo de focar-se nos conceitos do próprio autor e de outros estudiosos que escreveram seus textos com o intuito de trazer à discussão os temas abordados por Sartre.

No trabalho que se segue, para serem entendidas certas questões, são necessários alguns esclarecimentos de conceitos cruciais em Sartre como: o Para-si, o Em-si, a transcendência, e a consciência, que serão explicitados no próximo capítulo deste texto.

Tomamos o termo *existência acompanhada* no sentido de um ser notar-se presente em um mundo em que este não é sozinho, e mesmo para entender-se, criar uma consciência de si, precisa levar esta consciência para fora de si, para o próprio mundo em que *está*. Sendo assim, o ser não está só, o mundo não vem dele, nem este é criação do mundo, ele apenas aparece, e aparece acompanhado do próprio mundo, dos objetos e principalmente do Outro que é tão estranho ao ser, pois mesmo tendo características semelhantes ao Eu, como o corpo, esse se distancia totalmente do Outro porque não se pode alcançar a consciência deste, é ao mesmo tempo afirmação de ser, e negação de ser.

O ser é jogado num mundo que o acompanha para todos os lugares, e principalmente à sua consciência, pois esta não escapa do fora-de-si. O ser é uma existência acompanhada de mundo, de *istos*, como Sartre denomina os objetos que tem possibilidade de utilidade, e é acompanhado do ser mais assustador, o Outro, em que abordaremos mais adiante. No nosso estudo daremos um certo destaque à via de conhecimento através do corpo, como o Eu *existe* seu corpo, como ele pode manter relações com o Outro através do corpo, e mesmo como este entende e vê o Outro como corpo-no-mundo, levando assim a uma consideração e estudo de uma parte da filosofia sartriana que não é muito abordada, mas que tem uma grande importância quando se trata das relações do Eu com o Outro no mundo. Mostraremos também como se porta o Eu no meio do mundo através da filosofia existencialista, que no pensamento

de Sarte se dá um destaque pela mudança da visão de pensamentos que perpassam a filosofia antiga, medieval e moderna, onde existe uma divisão entre corpo e mente. Na visão sartriana esta divisão deixa de existir, o corpo e a mente são mostrados como integrados no modo de ser corpo-consciência no mundo.

O que abordaremos neste texto será uma apresentação e discussão acerca da existência acompanhada de acordo com os conceitos de Sartre. Como o Eu entra em contato com o Outro, como se porta com relação ao mesmo, suas atitudes e relações para com este, explicitando também como pode ser tomado o corpo dos seres, a forma que estes descobrem e *existem* seus corpos, além de abordar o papel do corpo nas relações Eu-Outro.

2. CONCEITOS PARA O ENTENDIMENTO DA ONTOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Abordaremos neste capítulo os conceitos principais da filosofia sartreana, para assim ajudar na leitura do texto, tomando como entendidos os termos que são necessários para a noção do debate acerca da existência do ser no mundo, e como este se porta em relação ao conhecimento do mundo, quais são suas atitudes, possibilidades e entendimento do mesmo e principalmente com a aparição do Outro no mundo, esta consciência de uma existência acompanhada.

Para chegar aos conceitos principais de Sartre devemos ter um entendimento primeiro da sua jornada filosófica e a partir de que vias o autor torna a sua filosofia possível. Por ter como influência principal o fenomenólogo Husserl, Sartre forma suas ideias primeiras a partir da fenomenologia que toma os seres (objetos e mundo) pelas suas manifestações, e demonstra a teoria de que a consciência que toma entendimento dos seres a partir da relação sujeito-objeto. A contribuição de Husserl para a filosofia sartriana se faz na questão do fenômeno, este autor se foca numa busca do conhecimento dos objetos e no conhecimento do próprio conhecimento através do fenômeno das coisas. Focado também na questão da essência das coisas, ele afirma que todas as coisas podem ser conhecidas através dos fenômenos que estas “expelem” e se fazem aparecer ao olhar do sujeito, que a partir destes pode ter uma percepção diferenciada e essencial dos objetos de conhecimento. Husserl afirma que “[...] as coisas são e estão dadas em si mesmas no fenômeno e em virtude do fenômeno, [...] essencialmente são dele inseparáveis” (HUSSERL, 1990. p. 33). Desta forma, traz ao conhecimento do sujeito os objetos através de sua própria essência mostrada pelo fenômeno. Sartre nos seus primeiros textos traz uma filosofia ao modo fenomenológico, sem deixar de criticar seu mestre Husserl em relação a certas formas de pensar. O autor começa seus escritos a partir deste viés da filosofia, chegando a um ponto de criticar a filosofia de Husserl, afirmando-a como um idealismo¹, começando a pensar o ser de forma diferente.

¹ Cf. SARTRE, 1997. p. 302-326.

A partir daí, o autor começa a sua aproximação do ontólogo Heidegger, e neste viés começa a aprofundar sua filosofia num sentido ontológico sem deixar de lado a fenomenologia apreendida pela filosofia do seu mestre. Partindo da subjetividade, nos caminhos de Descartes², mesmo fugindo do idealismo deste, Sartre demonstra a realidade humana, e o próprio conhecimento de si através de si.

Heidegger, filósofo contemporâneo alemão, traz a ideia do existencialismo que Sartre fará uso em toda sua obra, não deixando de fazer certas críticas ao filósofo. Heidegger demonstra em sua obra *Ser e Tempo* a necessidade da busca ao sentido do ser, e da realidade humana, onde este dá luz ao seu conceito principal de “ser-aí”, usado por Sartre também na obra discutida; tal conceito demonstra a realidade humana de acordo com o filósofo, o ser jogado no mundo e sempre destinado ao fim – a morte – este que traz o acabamento do projeto do ser – projeto que pode ser colocado como pensamento acerca do futuro, e como o ser tem a vontade de realizar tal projeto durante sua vida. Sua filosofia traz a Sartre o conceito importantíssimo para o existencialismo do “ser-aí”, que o leva a trabalhá-lo mais a fundo, de acordo com o seu pensamento acerca do ser e do mundo, levando a filosofia existencialista para um nível diferente.

Entre estas diferenças do existencialismo sartriano e outras formas filosóficas de ver o mundo como o realismo e o idealismo, trago à luz o pensamento de um mestre que fez do tema de Sartre, sua dissertação. Em relação ao realismo ele fala

O realismo metafísico respondeu ao problema da existência afirmando que *o ser existe fora e independentemente da consciência*. Averiguamos que esta tese se sustenta na ideia de que as coisas são portadoras de inteligibilidade (essência) e, como tal, podem ser perfeitamente apreendidas pelo intelecto. Nesta compreensão, a relação homem-mundo é marcada pela precedência ontológica do ser (mundo) em relação à consciência cognoscente. Ou seja, a realidade, para a metafísica realista, é um dado que se apresenta ao intelecto humano como *coisa-inteligível*. (ECKER, 2010. p. 52)

E acerca do idealismo o mesmo também mostra que:

² Em sua obra “Meditações metafísicas”, Descartes tenta apreender o mundo, e a si, a partir da sua subjetividade e de seu próprio pensamento, fazendo uso da dúvida hiperbólica. O pensador chega à uma das grandes falas, que guiou grande parte da filosofia moderna, o “cogito, ergo sum” ou “penso, logo existo”.

No idealismo houve a tentativa de superar os erros de uma metafísica ingênua, o racionalismo cartesiano empenhou-se em alcançar um fundamento seguro para todo o conhecimento, de modo que não mais pudesse pairar sobre a filosofia qualquer vestígio de incerteza. Este empenho resultou na importante inversão paradigmática que chamamos de filosofia da consciência, onde, a partir da afirmação do *cogito* cartesiano, a racionalidade filosófica desloca o ser da coisa para a consciência. (ECKER, 2010. p. 53)

A partir destas afirmações pode-se alegar que a via filosófica sartriana vai de encontro com as que a precederam, mostrando as falhas das mesmas, como as anteriormente citadas, o realismo e o idealismo. E a partir disto, a filosofia sartriana mostra o que é o mais comum na realidade humana. De acordo com DE COSTA

A contingência é a condição existencial do homem como ser-no-mundo. Ela nos permite não somente superar os limites do subjetivismo reflexivo da *res cogitans*, mas permite ao mesmo tempo a concepção da unidade indissolúvel entre existência e mundo. Assim, a contingência nos lança no mundo da gratuidade, onde pensar a existência é concebê-la a partir deste dado intrínseco, faço-me ser num mundo que ao modo da minha existência aparece como gratuito. (DE COSTA, 2009. p. 56-57)

Esta condição existencial mostra-nos a gratuidade do mundo que vivemos, somos jogados nele, e temos a partir dele a noção do que somos, pois a realidade humana existe com o fundo de mundo, ou seja, está sempre dentro do mundo, e não tem como escapar dele.

Começamos pelo conceito do Em-si, que de acordo com o autor é a completude de ser, um ser maciço que não mais pode ser cindido ou mesmo negado do seu ser. O Em-si é plena positividade, ou seja, são os objetos do mundo, mas não apenas estes, se trata também de uma visão possível do próprio corpo. O Em-si é o conjunto de coisas que não tem a habilidade de consciência ou sentimento, e que, geralmente, são vistos e/ou sentidos pelo Para-si para se ter algo a se tirar destes, e é a partir deste conceito que surge a discussão do corpo, tanto o corpo do Eu como do Outro, que a partir dos sentidos é um simples Em-si, mas ao mesmo tempo, através de certas situações se mostra Para-si. O Em-si se divide entre os *istos*, as coisas-utensílios, e todo tipo de coisa que vem ao sentido do Para-si e serve de ponte para a consciência. No começo da obra, Sartre demonstra três características próprias do Em-si: “O ser é. O ser é em si. O ser é o que é.” (SARTRE, 1997. p. 40). Estas são explicadas pelo autor através de uma pesquisa fenomenológica. A primeira característica é mostrada por Sartre

através da afirmação de que o ser não foi criado por um ser superior, nem pode ser criado por si mesmo, ou seja, ele apenas é, e

[...] mesmo se houvesse sido criado, o ser-Em-si seria *inexplicável* pela criação, porque retomaria seu ser depois dela. Equivale dizer que o ser é incriado. Mas não se deve concluir que o ser se cria a si, pois isso faria supor ser anterior a si mesmo. O ser não pode ser causa sui à maneira da consciência. O ser é si-mesmo. (SARTRE, 1997. p. 37)

a segunda característica se tem pela forma de que o ser-Em-si é fechado, completo, por isso, não “sai” de si mesmo, e finalmente a terceira característica se tem pelo conhecimento que o ser-Em-si “Desconhece, pois, a *alteridade*; não se coloca jamais como *outro* a não ser si mesmo e se esgota em sê-lo. [...] escapa à temporalidade.” (SARTRE, 1997. p. 39).

O conceito de Para-si em Sartre pode ser tomado como parte do ser que pensa, e ao mesmo tempo não é apenas uma consciência. O Para-si pensa acerca do que é visto e sentido, mas também sente, ou seja, é o conjunto de características que dão ao ser o poder de transformação, entendimento e formação. Na teoria do existencialismo sartriano o ser é quem se faz ser, indo de encontro a muitas teorias que já foram colocadas com o objetivo de mostrar uma natureza humana certa, no caso, se o homem nasce bom, ruim ou neutro. Para o autor o homem vem do nada, portanto, se forma a partir do que é vivido e de suas escolhas em relação às próprias possibilidades. E este ser que pensa, que toma as possibilidades e escolhas de acordo com o seu pensamento é o Para-si. A partir destes conceitos se toma a consciência da fuga do ser, porque pelo Para-si não ser Em-si, se percebe uma saída do ser do Para-si para o Em-si por querer ser algo completo. Para Sartre esta é a realidade humana, a constante fuga de si para ser o que não é, para se sentir completo de alguma forma, nas palavras do próprio autor: “O Para-si é o Em-si que se perde como Em-si para fundamentar-se como consciência.” (SARTRE, 1997. p. 131).

A transcendência, na concepção sartreana, se difere de outras concepções de transcendência (apesar de ser vista de uma forma heideggeriana) e geralmente, da maioria delas. Sartre mostra ao leitor, uma transcendência horizontal, que difere geralmente do que é visto tanto na filosofia antiga, medieval e até moderna quando trata de uma transcendência ao divino, ao ser superior. Já Sartre traz à luz, com base na filosofia heideggeriana, uma transcendência da consciência para o mundo, para outras consciências e para outros objetos

que fazem parte do mundo onde vivemos. O ser transcende rumo ao mundo, rumo ao outro e rumo a si também, como uma tentativa de entendimento do que é exterior ao mesmo. Sartre afirma que “a realidade humana é seu próprio transcender rumo aquilo que lhe falta, transcende-se rumo ao ser particular que ela seria caso fosse o que é.” (SARTRE, 1997. p. 140). Sendo assim, é um salto de si para o mundo, e de volta para si.

A consciência para Sartre é condição do ser, ou seja, é-se jogado no mundo com consciência para o entendimento do mundo e de si mesmo. Mas no momento que esta se acha no mundo, a consciência se vê encurralada em um mundo que não tem nada semelhante com ela mesma. Através dos sentidos, se veem, se sentem os objetos como eles são, maciços, completos, enquanto a consciência vê o ser como algo incompleto e com necessidade de se completar. Primeiramente, a consciência para Sartre é posicional, não existe consciência que não seja consciência (de) algo. Sendo assim, toda consciência é intencional (ideia já tirada da fenomenologia de Husserl). Sempre se quer algo através da consciência, e geralmente esse algo é completude, saciação de algo faltado em si, busca de si no mundo. Por ter o poder de tentar entender a si no mundo, a consciência toma o mundo como posição de si, onde tudo é completo, menos si mesmo. A consciência se divide na filosofia sartreana em consciência refletida, e irrefletida. A segunda é a consciência dos objetos do/no mundo, e a primeira é a consciência de si, ou consciência de consciência, esta que traz conhecimento de incompletude do Para-si.

Com estes termos colocados em questão podemos chegar a certas perguntas: como o Para-si conhece outros Para-sis? O Em-si por ser completude de ser, pode ser agregado ao ser do Para-si? Para responder estas questões acerca da existência do Outro e dos objetos, levaremos em conta certos comentadores que aplicaram também sua pesquisa na vasta obra de Jean-Paul Sartre, e trarão certos complementos para um estudo mais complexo acerca da fenomenologia e ontologia sartreana.

3. A EXISTÊNCIA DO OUTRO

A existência acompanhada é primeiramente tomada por uma dúvida de Sartre acerca da própria existência, este pergunta: se a realidade humana é Para-si, será que se reduz apenas a isso? No capítulo *A existência do Outro* na sua obra *O Ser e o Nada* o autor discorre acerca dos sentimentos, como a vergonha, que parece uma coisa muito banal na atualidade, mas ontologicamente se deve ter uma percepção mais clara sobre o assunto. A vergonha chega ao ser através de que? De onde surge a vergonha? A resposta é: através da consciência de estar sendo observado, “Assim, a vergonha é vergonha de si diante do Outro.” (SARTRE 1997. p. 290). É a partir daí que vem a consciência da existência acompanhada, a percepção de que não se está sozinho no mundo, a experiência de ser tomado como objeto por outro Para-si que não o seu. A presença do Outro é percebida através do olhar. Ser visto, em Sartre, é o que traz à consciência a percepção de que suas possibilidades têm consequências, e isso causa no ser a vergonha de si mesmo, dos seus atos, pelo fato de ser visto, de saber que existem olhares que têm a possibilidade de julgá-lo pelas suas ações. A percepção de ser percebido mostra ao ser que este não está só no mundo, e o olhar do Outro demonstra que este também é Para-si, e não apenas Em-si/objeto. O Outro para Sartre é “uma substância pensante da mesma essência que eu, a qual não poderia dissipar-se em qualidades secundárias e qualidades primárias, e cujas estruturas essenciais encontro em mim mesmo” (SARTRE, 1997. p.291). A semelhança com o ser demonstra que o Outro tem as mesmas habilidades que este, e que o mundo é a “ponte” que liga os dois, e os leva a manter relações. Tais relações serão explicitadas mais adiante.

O olhar do Outro traz à consciência do mundo, pois se percebe que este vê o mundo como o Eu vê e que este tem consciência e subjetividade como o Eu. O olhar mostra a existência de um ser semelhante em sua forma de existir. Através dele percebe-se a própria objetividade, pois o Outro pode vê-lo como objeto. E por ver apenas um objeto, surge a

possibilidade do ser mostrar um “Eu” que não é o Para-si. Cria-se assim um Eu-objeto que será visto pelo olhar do Outro. E este Eu-objeto se mostra “pelo lado de fora”, ele é o ser-para-outro, que não é Para-si, nem Em-si, mas um ser limitado pela liberdade do Outro, ou pela consciência de ser visto.

A percepção do Outro é algo que merece uma atenção maior, pois não apenas tem mérito como o ser se sente em relação a si mesmo quando olhado, mas também como este ser sente-se quando olha o Outro, se vê um objeto, ou um sujeito, e qual seria o ideal ou mesmo se existe um ideal para esta experiência.

Sartre nos diz que “[...] pelo olhar, experimento o Outro concretamente como sujeito livre e consciente que faz com que haja um mundo temporalizando-se rumo à suas próprias possibilidades” (SARTRE, 1997. p. 348). A primeira percepção que se tem de outra pessoa quando a vê, a partir dos sentidos, é a possibilidade de tomar esta como objeto no meio do mundo, ou seja, sabe-se que esta está a certa distância de você, de um banco da praça, ou mesmo de outras pessoas; mas é a partir da semelhança que se tem consciência, ou mesmo a vontade da busca do conhecimento daquele semelhante e, pela semelhança, o Para-si não se vê mais como centro do mundo, mas presta atenção no Outro, e a partir deste, os objetos vistos pelo Eu tomam um caminho de fuga para o Outro. A percepção de um ser semelhante faz com que se pense, se transcenda a ele, e perceba-se que este é um Para-si que não o seu. O olhar sobre o Outro permite perceber que este não é algo fechado, mas sim um fenômeno que leva a outros fenômenos, a forma como se porta diante das coisas se assemelham a do Eu, e esse tem possibilidades diferentes e visões diferentes do universo, ou seja, surge uma fuga do universo do Eu, para o universo do Outro ainda não conhecido, e com pouca possibilidade de se conhecer, pois não se conhece os objetos da forma que o Outro os sente, mas apenas da forma que o Eu sente. A vontade de busca ao conhecimento do Outro se dá pela subjetividade do mesmo, o Eu a toma como análoga, sendo assim a tenta conhecer, desvendá-la.

O ato de olhar o Outro leva ao Para-si um sentimento de negação. Por ver que o Outro se assemelha a si mesmo, mas não completamente, toma-se consciência que este Outro é algo que o Eu não é. Disto surge a curiosidade acerca do Outro. Tomá-lo como objeto é uma das modalidades do ato de olhar o Outro, e é a que se mais tem costume, por se descobrir no mundo cheio de coisas-utensílios. O Eu é tentado a pensar o Outro como coisa. O ato de olhar

é o que diminui essa possibilidade, olhar o Outro traz a si a consciência de um ser que tem uma consciência semelhante e impossível de se experienciar da forma que o Eu experiencia sua própria consciência, a vive.

A vergonha já citada aparece ao ser também por esta característica do Outro. O ser nunca saberá como o Outro o vê. E isto torna as possibilidades desse em mortipossibilidades, ou possibilidades mortas, pelo fato de não se ter acesso a outro Para-si que não o seu, ou seja, a liberdade do ser torna-se objeto dado ao Outro, o Outro torna-se o limite da liberdade do ser.

3.1 *As relações com o Outro*

As relações com o Outro podem tomar várias formas que são facilmente percebidas pelo senso comum, mas que Sartre as explicita de forma filosófica. O filósofo mostra a indiferença como o ato de transformar o outro em objetos-funções, não se importar com o olhar do outro, tornar o olhar do outro apenas “olhos” e tratá-los como coisas-utensílios, ou seja, viver o Para-si, tratando o Outro como Em-si. Mostra também como uma das relações, o amor, a vontade de ser amado, torna-se a vontade de poder ter uma relação Eu-Outro onde o Eu não pode ser excedido pelo outro em sua transcendência, “protegendo” assim a liberdade do Eu sem fuga do Para-si desse Eu para um Para-Outro. Dito nas palavras de Sartre “[...] querer ser amado é querer situar-se Para-Além de todo sistema de valores, colocado pelo Outro como condição de toda valorização e como fundamento objetivo de todos os valores” (SARTRE, 1997. p. 460).

A culpa surge com a presença do Outro, com a percepção da sua própria alienação diante do outro. Como já foi mostrado anteriormente, a culpa é a percepção de que o ser não é apenas Para-si. Suas possibilidades e ações tem consequências sendo o mesmo responsável por elas, mostrando assim uma preocupação em relação às ações tomadas, que se existissem para o Para-si como algo isolado no mundo poderiam ser aceitas, mas quando se toma consciência da presença do Outro no mundo, toma-se também consciência de que suas ações têm consequências que não são só as que o Eu imagina, mas podem ser consequências que

nunca foram pensadas pelo ser, onde no universo do Para-si-Outro são extremamente importantes, cria-se a vergonha por estar sendo olhado, e a culpa pela percepção da presença do Outro, ou seja, a partir da percepção de não estar sozinho, as possibilidades do ser tornam-se frágeis. Uma das relações possíveis para com o outro é o Ódio: trata-se da “ação” de querer ser livre sem a aparição do Outro, sem sua intervenção, é querendo a morte do Outro. Odiar é querer viver sem interrupções, o que difere da indiferença, pois busca a inexistência do Outro.

Já na relação com o Outro no sentido de uma pluralidade, Sartre mostra as relações em grupo, ou seja, o “nós”. Este é visto de duas formas: o Nós-Objeto e o Nós-Sujeito. O Nós-Objeto, que se assemelha à tomada de consciência de ser visto, mesmo sozinho, ocorre na situação de um terceiro olhar confrontar o Eu e o Outro ao mesmo tempo, estes últimos tornam-se o Nós, ou seja, “Somos Nós somente aos olhos dos outros, e é a partir do olhar dos outros que nos assumimos como Nós.” (SARTRE, 1997. p. 523). Assim, os dois seres compartilham da mesma forma suas possibilidades transformando-se em mortipossibilidades por causa do olhar do Outro. A soma de mais um olhar forma a junção para um “nós”. Onde só havia um Eu e um Outro, os corpos destes transformam-se em corpos-alienados pelo olhar de um terceiro.

No caso Nós-sujeito trata-se do ritmo do Eu tomar o ritmo dos Outros, por causa de um objetivo, por mais casual que seja. Caso o Eu se junte a uma multidão ou a um grupo que tem o mesmo objetivo, ele segue no mesmo ritmo. Apesar de serem Para-sis diferentes, juntam-se em um nós onde apenas existe um objetivo em comum, um projeto a ser completado, que diferente do Nós-Objeto, no qual não existe um olhar, mas a própria consciência de cada um para tornar algo completo, a vontade, que vem da eterna busca, de tonarem-se a si mesmos completos, ou mesmo para lutar com um objetivo em comum, como exemplo os partidos políticos. A relação que se tem com o Outro muda a forma de parecer e de perceber o mundo, pois traz a noção de conjunto, seja para realizar um ato, ou mesmo para se perceber o olhar de um terceiro, ter vergonha, ou indiferença em relação a este. O Outro muda a “forma” do ser, do aparecer, pois existe grande diferença entre o aparecer para si e o aparecer para o mundo (sociedade/outro).

Em todas as relações com o Outro está presente o corpo, que em algumas atua por via de intermédio, como no desejo e na carícia. O autor afirma que a carícia é a forma corporal de

demonstrar o desejo. As relações da indiferença, do amor, do ódio, acontecem por via do Outro. Este só aparece para nós com fundo de mundo e como corpo que pode ser tomado como objeto em meio dos objetos. Em relação ao desejo, Sartre afirma que a carícia é a forma que o Eu como corpo faz-se tornar *carne* para sentir a carne do Outro, ou seja, o corpo é tomado como objeto-a-ser-acariciado. A visão do corpo-para-si se põe como fundo no momento do desejo, o Eu se torna carne para o Outro, pois não quer apenas tocar, mas ser tocado, “Eu me transformo em carne, como se fosse; eu me torno o corpo macio que cumprimenta o outro” (MORAN, 2011. p 10, tradução nossa)³. O Eu saúda o Outro com sua carne.

O corpo é presente no mundo, portanto em todas as relações. Pode ser alvo de pré-conceito, o que faz parte da modalidade de visão do Outro como objeto, como também é alvo de desejo. Destarte as relações do Eu-Outro se dão no meio do mundo e através dos corpos, mostrando que a aparência influencia, mesmo de modo errôneo, na forma de tratamento e na forma de uso do Outro como ferramenta ou empecilho na sua jornada rumo aos fins por meio de suas possibilidades.

O olhar do Outro me desnuda e modela meu corpo, vejo-o como algo que possuo e não quero possuir. Disto surge a linguagem, faço uso do meu corpo para atrair o Outro em uma situação de desejo e flerte, mudo o meu corpo para parecer mais atrativo ao Outro. Esta é a forma de linguagem que vem do corpo com o sentido de se mostrar ao Outro que não o conhece completamente e toma seu corpo como objeto em meio dos objetos. O sentido é se destacar dos objetos, no caso do flerte, ou mesmo do orgulho. No caso da vergonha é justamente desaparecer o seu corpo, no sentido de não ser visto.

3.2 *O encontro*

³ No texto original lê-se: I turn myself into flesh, as it were; I become the soft body that greets the other.

Por ter o começo da sua filosofia baseada na fenomenologia, ou seja, o ato de tomar os seres como aparições e manifestações de seus fenômenos, Sartre vai colocar o encontro do ser com o outro como um olhar que se serve de um objeto para experienciar e estudar todos os fenômenos que aparecem no Outro com a tentativa de se conhecer. Pois a aparição do Outro traz sua própria negação ao Para-si. Este, o ser, deve negar o ser daquele Outro para ter em si algo para se agarrar. Como sua consciência está jogada num mundo cheio de sis e de istos, o ser tenta sempre ser algo, ou como diz o autor na explicitação do próprio Para-si, este é o que não é, e não é o que é. Ou seja, o ser é jogado no mundo para se transformar em sujeito, mas se encontra preso em um mundo cheio de coisas que não são ele, mas ao mesmo tempo o tornam quem é, mostram à ele sua consciência. E este Para-si está sempre em uma eterna busca de ser o que não é, mostrar a si mesmo que este é diferente do mundo, das coisas, dos Outros, e concomitantemente vê em si algo que não quer ser, pois sempre acaba achando em si o mesmo dos Outros, um ser jogado no mundo, completo de liberdade e possibilidades, mas que não pode ultrapassar este mundo, a não ser em certas atitudes, que serão mostradas adiante.

O ser se acha através de um semelhante. O vê como pessoa semelhante, olhos da mesma cor, ou da mesma entonação, pele, braços, pernas. O Outro está cheio de semelhança, e mesmo assim, o ser se vê desolado a partir deste Outro, pois este tem o mesmo poder de ver o mundo de sua forma. Aqui é onde o universo, para Sartre, cria um buraco negro que esvazia de ser o universo do Eu. Pois o Outro tem uma consciência própria que não está ao alcance do Eu, e nisto existe a possibilidade desta consciência conhecer um mundo completamente diferente, ou conhecer o mundo da mesma forma do Eu. Mas esta impossibilidade de alcance da consciência do Outro torna o Eu encurralado em seu próprio ser. Pois pode-se ver o mundo, mas não pode-se ver a consciência do Outro. Nisto o encontro traz o Eu para fora de si mais uma vez na tentativa de conhecer o Outro através do corpo, tomá-lo como Em-si, que este não é. O Outro possui um Para-si (negação) também, o que o torna não apenas Em-si-corpo, ou total positividade, o Outro não é maciço, é perfurado pelo Nada como o próprio Eu e esse lida com este abismo (Nada) da sua forma, que não pode ser experienciada pelo olhar do Eu.

Este encontro que se dá no meio do mundo tem como intermédio o corpo. Este tem o papel realizador do encontro no mundo. Pois através do olhar, o que se vê é corpo-no-mundo. Através deste olhar o Eu pode tomar o Outro como transcendência-transcendida para seus fins. É com o olhar do Outro que se dá a noção de contingência de seu próprio corpo. A relação da vergonha se dá através do olhar, quando o ser toma consciência de seu *corpo-visto*. Mesmo assim, o olhar não é de forma alguma os olhos do outro, mas sim o ato, “não é necessária uma presença intramundana, pois não são os olhos que me veem, mas o outro como sujeito” (GONÇALVES, 2012. p. 34). Só no mundo onde se tem contato com os istos é possível encontrar o Outro. E a partir deste encontro é que são realizadas as relações possíveis Eu-Outro, mostrando assim a importância do mundo como parte de si mesmo. Pois só se vê o Outro através dos objetos jogados no mundo, como o Para-si também está.

É o encontro do Eu com o Outro que leva às relações que foram citadas anteriormente: o ódio, a indiferença, o amor etc., que é uma forma do Para-si do Eu tentar entender ou mesmo experienciar o Para-si do Outro. É a partir deste que o Eu tem a experiência do conhecimento de si como liberdade, como culpa ou orgulho.

4. O CORPO E SUAS DIMENSÕES

O problema do corpo começa por se ter a ideia de que o mesmo tem suas próprias leis, quando para Sartre a situação é diferente. O ser, ao conseguir captar a consciência, tenta uni-la a algo que está no meio do mundo, e como o corpo, da forma que é visto o do outro ou como se toma seu corpo para-outro, é Em-si-Para-si, não se tem como vê-lo com características exclusivas do Para-si, nem mesmo do Em-si, pois para o autor, o corpo também é consciência-do-corpo, sendo assim inseparável do Para-si, não existindo essa divisão, somos seres “concretos” jogados no mundo.

O corpo, para Sartre, faz parte do Para-si e é no mundo, pois é através do Para-si que se tem noção do que rodeia o ser, e é a partir do mundo e da consciência dele que o ser se torna sujeito. Mas ao mesmo tempo, o corpo tem a possibilidade de ser visto como objeto, sendo essa uma das modalidades. E de acordo com Sartre não é a primeira modalidade de visão do Outro, pois a consciência de que o Outro existe primeiro é tomada como uma negação interna do Para-si. O Outro representa um ponto de vista desconhecido que escoa o mundo e as coisas por meio dele. O olhar do Outro para o mundo não pode ser conhecido pelo Eu, pois existe no Outro um Para-si que não se conhece.

O que se vê no Outro é corpo, e não corpo-consciência. O que se percebe do corpo são suas expressões, seus órgãos e nada mais. Não se pode ver o pensamento do Outro, só se pode fazer suposições a partir do que é visto. E assim vem a modalidade de se conhecer o Outro através do Em-si, ou seja, torná-lo objeto para depois se ter um conhecimento maior da semelhança de si com o Outro, como a noção deste ter também uma consciência que julga. A

partir do corpo se dão as relações com o Outro, pois é o corpo-consciência que está no mundo e encontra o corpo do Outro.

4.1. *O corpo para-si*

Sartre vê o corpo-para-si como algo que faz parte de si mesmo, tentando se distanciar das ideias já colocadas de corpo-alma e corpo-mente. O autor vê o corpo como parte concreta de si, mostrando que o mesmo está colocado no mundo. Contudo, a visão do corpo como objeto é possível, mas é possível com uma visão de corpo-para-outro. Ou seja, enquanto digito um artigo ou um trabalho, não vejo minhas mãos como utensílios usados para a digitação, mas sim, vejo a digitação como fim, as ideias que devo colocar em tal trabalho e as palavras que devo usar para deixá-lo de fácil entendimento para quem o for ler. Mas, se paro e olho minhas mãos como coisa, a visão que tenho delas é a visão fora do centro de referência (o Para-si para Sartre). Tenho uma visão de uma coisa-utensílio que faço uso, que posso mexer e que atende as demandas que eu faço. Mas em momento algum essa é a visão de si, mas sim uma comparação que faço das mãos que vejo no Outro, como objeto-mão que leva o copo à mesa ou à boca, tendo assim a noção de corpo. O corpo Para-Si, em Sartre, é tomado como concreto, como corpo psíquico, não faço parte deste, eu o *sou*, o meu Para-si *existe*, não posso vê-lo como ponto de vista, pois é através deste que tenho o ponto de vista. Para ter uma visão do meu corpo “do lado de fora” primeiro tenho de tomar o mundo como fundo deste corpo, sendo dessa forma, o vejo como vejo o corpo do Outro.

Ao discorrer acerca do conhecimento sensível, Sartre afirma que este surge “por ocasião do aparecimento no meio do mundo de certos objetos que denominamos sentidos” (SARTRE, 1997. p. 393). Dessa forma, põe em questão os sentidos como algo que, primariamente não faz parte do Si. Querendo chegar no problema da sensação, o autor dá o exemplo de um experimento que foi feito na Universidade de Sorbonne, na França, esse

constituía em criar situações em que as pessoas testadas pudessem exteriorizar, através da linguagem, o que sentiam quando tal coisa acontecia, como por exemplo, uma tela com uma iluminação mais ou menos intensa, uma pressão exercida por um aparelho na mão ou no braço, etc. Desta forma, Sartre coloca em questão o conceito de sensação, mostrando que, a partir de tal experimento não se é possível determinar uma forma de ser fisiológica, enquanto vivo, tendo em mente que a fisiologia trata de conhecer o corpo como dado, ou seja, cadáveres que são dissecados para o estudo dos nervos e da forma como o corpo físico é formado.

O corpo-para-si, é existido no mundo, e com isso, sua forma de sentir é *no mundo*. Assim a sensação das coisas não pode ser caracterizada pelo olhar *do lado de fora* de si. Tal conceito de sensação não tem sentido para o Para-si, pois os objetos são vistos com fundo de mundo e intervenção do próprio sujeito, ou Para-si. Sartre traz uma questão a tona para explicitar tal situação:

Talvez um pesquisador inepto nos indagasse se “nossa sensação de luminosidade era mais ou menos forte, mais ou menos intensa”. Por estarmos no meio de objetos, observando esses objetos, esta frase não teria sentido algum para nós se não houvéssemos aprendido de longa data a denominar “sensação de luminosidade” a luz objetiva tal como nos surge no mundo em dado instante. Respondíamos, assim, que a sensação de luminosidade era, por exemplo, menos intensa, mas com isso entendíamos que a tela estava, em nossa opinião, menos iluminada. [...] A iluminação da tela pertencia a *meu* mundo; meus olhos como órgãos objetivos pertenciam ao mundo do pesquisador, a conexão entre essas duas séries, portanto, pretendia ser como uma ponte entre dois mundos; em caso algum podia ser uma tábua de correspondência entre o subjetivo e o objetivo. SARTRE, 1997. p. 394-395

Dessa forma, Sartre nos mostra que não podemos, deliberadamente, nos distanciar do mundo, ou ter uma consciência de sobrevoos do mesmo. Não saímos do mundo, estamos presos a este. E o autor afirma que os sentidos não podem ser vividos sem objetivação do Para-si, pois o que vemos não vemos por meio do mundo, mas por meio de si mesmos. Desta forma, ao vermos os objetos do mundo, transcendemo-los rumo à nossas possibilidades que temos-de-ser (Cf. SARTRE, 1997, p. 395). Assim, se vejo o cigarro em cima da mesa, não o vejo apenas como objeto em cima de certa superfície, mas cigarro-a-ser-fumado, da mesma forma, caneta-a-ser-usada, e no caso da pesquisa feita em Sorbonne, tela-a-ser-vista para uma resposta objetiva ao pesquisador. E como já foi especificado no começo do trabalho, a

consciência é sempre intencional e posicional. Desta forma, a sensação não tem sentido quando se trata do ser, a sensação é o próprio sentido vivido e transcendido rumo às possibilidades do ser que temos-de-ser.

Os sentidos mesmos são tomados por nós como conhecimento das coisas. Uma caneta é apropriada através do sentido da visão. Mas este sentido mesmo é conhecimento da caneta com fundo de mundo. Não podemos ter conhecimento da visão enquanto *existimos* a visão, mas sabemos de sua existência, pois fazem parte da nossa existência no mundo. Sartre traz ao conhecimento a ideia de que os sentidos não são subjetivos, mas sim objetivos, por serem parte de um corpo que é Em-si-Para-si, “[...] em parte alguma encontramos algo que se dê como puramente sentido, como vivido por mim sem objetivação.” (SARTRE, 1997. p. 395)

Para Sartre, o corpo do ser é corpo-consciência. O ser tem a possibilidade de vê-lo como Em-si, este coloca o corpo como sendo a consciência-corpo ou Para-si-corpo. Primeiramente surge o problema do corpo para si, e como torná-lo conjunto com a consciência. E é este problema que torna o corpo como se pensa, um corpo no meio do mundo e não o “meu corpo”. Pois não tenho como vê-lo por mim mesmo, apenas o conheço por ter visto outros corpos e assimilá-los ao meu, ou por relatos de outros, no caso, médicos, que viram o meu corpo, ou seja, não tenho acesso direto ao meu corpo como Em-si, e se tenho, não o vejo como parte de mim, mas como propriedade minha, pois está no mundo. Sartre demonstra certa distância entre a consciência e o corpo, e essa distância, este abismo é o Nada que separa o Para-si do Em-si.

É dessa forma que o corpo pode ser tomado como barreira entre o meu Para-si e o Para-si do Outro, por ser o que vemos do “lado de fora”. E o autor mostra que mesmo assim, temos também uma certa visão do Para-si do Outro, que vai nos ser dada pelas características corporais e pela forma que o ser mostra seus sentimentos através delas. Para se ter uma conexão entre esses dois, primeiro devo conhecer como se porta meu próprio corpo, que também é consciência, e como se porta o corpo do Outro, para chegar a consciência do próprio, o que é improvável, pois apenas quem *é* conhece seu Para-si, ou melhor, *existe* seu Para-si. Os sentidos fazem parte do corpo e são expansíveis ao mundo a partir dos mesmos (ver um carro ao longe, ou uma pessoa é corpo-consciência no mundo), e os próprios sentidos são a forma de conhecer o mundo, não apenas a consciência que se toma deles, mas o fato de

ver o mundo como tal já é algo que mostra a consciência que este mundo é o mundo onde habita todos os seres, eu e o Outro.

O autor alega que o corpo-para-si é um utensílio através do qual não se pode usar por meio de outro utensílio, na questão de que a realidade humana se trata de utensílios que necessitam de outros para serem utilizados, como o martelo e o prego, a caneta e o papel, etc.. O corpo é mostrado ao ser através das coisas do mundo, pois é através das coisas que se toma consciência do corpo como utensílio para utilizá-las. E o corpo, de acordo com o autor, também é o ponto de vista do qual não se tem outro ponto de vista, tomando como realidade os sentidos objetivos do qual não se pode ver algo além deles. Ou seja, o corpo não é imediato para o ser, mas sim mediado pelos utensílios que estão no meio do mundo. E através desta exposição toma-se consciência de que o corpo não é algo primeiro, como a filosofia até a contemporaneidade pré-existencialismo afirmava. Destarte, é ao mesmo tempo sensação e ação, pois através do mundo se toma consciência do corpo e através do corpo o ser tem a possibilidade de se tornar, de fazer projetos e através das ações contemplá-los. Cito-o: “O corpo não é uma tela entre as coisas e nós: manifesta somente a individualidade e a contingência de nossa relação originária com as coisas-utensílios.” (SARTRE, 1997. p.411). Sendo assim, o corpo é o *transcendido*, ou seja, a partir do corpo que a consciência transcende às coisas do mundo e ao próprio mundo.

Para o autor conseguir explicitar sua teoria do corpo-para-si, este demonstra o caso da dor, alegando que a dor faz parte não do corpo, mas da consciência, e com isso mostra para nós a criação, pela consciência, de um *corpo psíquico*, que este seria nosso corpo para nós mesmos. No exemplo da dor como dor física e como mal psicológico (ou consciente), Sartre afirma:

Houve, observemos, uma espécie de cisão no momento da projeção reflexiva: para a consciência irrefletida, a dor *era* o corpo; para a consciência reflexiva, o mal é distinto do corpo, tem sua forma própria, vem e vai. [...] A consciência reflexiva é consciência do mal. Só que, se o mal tem uma forma que lhe é própria e um ritmo melódico que lhe confere uma individualidade transcendente, ele adere ao Para-si por sua matéria, posto que é desvelado através da dor e como unidade de todas as minhas dores do mesmo tipo. É *meu*, no sentido de que lhe dou sua matéria. Apreendo-o como sustentado e nutrido por certo meio passivo, cuja passividade é a exata projeção no Em-si da facticidade contingente das dores e é a *minha* passividade. Esse meio

passivo não é captado por si mesmo, mas sim da maneira como a matéria da estátua é captada quando percebo sua forma e, no entanto, ela está aí: é a *passividade que corrói o mal* e lhe confere magicamente novas forças, tal como a terra conferia a Anteu. É meu corpo em novo plano de existência, ou seja, como puro correlato noemático de uma consciência reflexiva. Vamos denominá-lo *corpo psíquico*. (SARTRE, 1997. p. 424)

Este *corpo psíquico*, que explana Sartre, se mostra como um corpo concreto, ou seja, o que somos como consciência-corpo, da forma que vivemos o próprio corpo, chegando a conclusão que se olhamos tal corpo, se vemos mão ou nossas pernas, conseguimos um olhar do “lado de fora”, temos a visão que possuímos do corpo do Outro e trazemos essa visão para nosso próprio corpo que “Ou bem é o centro de referência indicado em vazio pelos objetos-utensílios do mundo, ou bem é a *contingência existida pelo Para-si*; mais exatamente, esses dois modos de ser são complementares” (SARTRE, 1997. p. 426). Contudo, o corpo não conhece apenas a si mesmo, como já mostramos anteriormente, o corpo tem também consciência-conhecimento do corpo do Outro e que *existe* um corpo que pode ser visto pelo Outro.

Nisto podem-se destacar as duas formas do corpo para o ser: o corpo como ser-para-si, que foi explanado acima, e como ser-para-outro. São duas formas muito diferentes quando se chega à sua denominação. O corpo como ser-para-si é um corpo que é fato e que a consciência é também este, não existe dissociação, é um Em-si do Para-si do ser que é dividido pelo abismo do Nada. O corpo está no mundo e conhece o mundo, é através de si e do Outro que se dão as relações humanas. O mundo é visto através da realidade humana, ou seja, do Para-si, como o corpo faz parte do mundo, o Para-si vê o corpo como parte deste mundo que está-aí e que é a partir deste que o próprio ser se forma, a partir das coisas e dos sentidos do seu próprio corpo.

4.2. O corpo para-outro

O corpo para o Outro é similar ao corpo para si mesmo. Mas a grande diferença seria a consciência de liberdade ao ver o corpo, do próprio fato de *ver* o corpo, e ao mesmo tempo a

noção de objetividade do corpo. Pois se vê o Outro como transcendência-transcendida, ou seja, a consciência de que o corpo *é* e mostra o que o Outro *é* através do mesmo, como o caráter, a título de objeto de conhecimento do outro, através das atitudes corpóreas, a ira, o afeto etc.. Mostrando-se assim a relação do Para-si do Outro com o Em-si que se vê no corpo do Outro, como o rubor, as mudanças da face, que de certa forma mostram o sentimento do Outro, pelo olhar do Eu.

Através dos objetos no mundo, tenho a visão do Outro, um corpo semelhante ao meu, que posso tomar como objeto. Sobre este fenômeno, Sartre afirma:

O Outro, no fenômeno fundamental da objetivação do Outro, aparece-me como transcendência transcendida. Ou seja, pelo simples fato de que me projeto rumo às minhas possibilidades, supero e transcendo sua transcendência, que é posta de lado; é uma transcendência-objeto. Capto esta transcendência no mundo, e, originariamente, como certa disposição das coisas-utensílios de *meu* mundo, na medida em que indicam *por acréscimo* um centro de referência secundário que está no meio do mundo e que não sou eu. SARTRE, 1997. p. 427

Isso mostra que existem duas formas diferentes da visão do Outro: uma forma de objetificação e uma forma de apreensão como centro de referência diferente do que sou que interpreta a realidade de sua forma e de acordo com os seus fins e possibilidades.

Sartre nos mostra que não é pelo corpo do Outro que chegamos ao conhecimento da possibilidade que este tem de nos conhecer, mas sim pelo nosso ser-objeto-para o ser que nos vê, que provém da nossa negação interna quando nos damos conta que o Outro existe e nos olha. E isto causa a fuga do mundo do Eu para um mundo possível do Outro. Percebemos outro centro de referência que não é o nosso e vemos a possibilidade de sermos objeto para o olhar do Outro.

Da mesma forma do exemplo dado por Sartre da ausência de Pierre no bar, quando se trata do corpo do outro como contingência do seu ser, o autor mostra-nos que não é apenas a presença do Outro que nos dá o conhecimento de seu corpo, mas também sua ausência. Pois se damos ao Outro o caráter de faltado, afirmamos a existência do mesmo no mundo como contingência. A presença de Pierre no bar afirmaria para Sartre que seu amigo estaria ali no meio dos objetos-utensílios do mundo, tomando forma e se mostrando para ele como corpo;

sua ausência, mostraria à Sartre a possibilidade de Pierre estar em outro lugar, seja por qualquer motivo, a existência de Pierre é afirmada como existência-em-outro-lugar.

Quando se trata do corpo do Outro, existe a possibilidade de o tomarmos como objeto, pois não temos a possibilidade de conhecer completamente o Para-si do Outro, portanto

Esse corpo do Outro é dado a mim como o Em-si puro de seu ser – Em-si entre outros Em-sis, que transcendo rumo às minhas possibilidades. Esse corpo do outro se revela, portanto, por duas características igualmente contingentes: está aqui e poderia estar em outro lugar, ou seja, as coisas-utensílios poderiam dispor-se de outra maneira com relação a ele, indicá-lo de outro modo; a distância entre a cadeira e seu corpo poderia ser outra – seu corpo é assim, mas poderia ser diferente, ou seja, capto sua contingência original em forma de uma configuração objetiva contingente. Mas, na verdade, essas duas características constituem apenas uma. A segunda não faz mais do que presentificar e explicitar para mim a primeira. (SARTRE, 1997. p. 431)

mesmo assim, tomamos consciência de que o corpo do Outro não é apenas objeto para se manter relações de exterioridade. Isso, para Sartre, só se aplica à cadáveres, que no caso são vistos como apenas dados. Manter uma relação de objetificação do corpo do Outro faz parte de uma relação de corpo como dado, não tendo assim um caráter de relação humana. Isso faz parte do que Sartre explicita em sua obra como a forma de relação indiferente.

O olhar sobre o Outro me dá a possibilidade de o conhecer. Para Sartre, esta possibilidade só é possível com um fundo de mundo, ou seja, para a percepção do Outro, é preciso uma situação que o indique: está na praça, está sentado na cadeira, está a espera de algo; ao mesmo tempo, se levo o olhar ao Outro como corpo, não posso o ver como algo singular, não vejo o seu corpo distanciado de sua consciência, mas o vejo como sou: corpo-consciência, Sartre afirma que “[...] o corpo aparece a partir da situação como totalidade sintética da *vida* e da *ação*” (SARTRE, 1997. p. 435). A partir disto, podemos afirmar que o Outro aparece e é visto, como o Eu tem consciência do ato de ser-olhado, ou seja, é um corpo-consciência que se objetifica como corpo, mas ao mesmo tempo não se tem a opção de fuga da consciência, não existe possibilidade de tornar-se Em-si, de ter uma completude. Portanto é corpo-consciência-visto; o ato de olhar o faz tentar parecer, ou mostrar certa maneira de ser, mas não consegue fugir de seu corpo, de sua aparência no mundo.

A aparência do corpo do Outro é-nos dado como o Outro, de forma que o rubor, a forma que o corpo tenta se esconder, não são expressões de vergonha, mas a vergonha mesma. O corpo do Outro é o que o Outro é, e não o corpo tomado como objeto da anatomia ou da fisiologia. Os vemos como vida, nos é dado como corpo-além-do-corpo, e não deve ser visto como objetividade, pois esta objetividade é a transcendência transcendida pelo Eu que olha, já o corpo fora da objetividade é a facticidade desta transcendência, é a carne e a vida diante do olhar do Eu.

4.3. *O corpo-visto*

Quando surge o olhar do Outro sobre si, vê-se uma terceira dimensão ontológica do corpo, o corpo-olhado ou o corpo-para-outro. Quando tomamos consciência do olhar do Outro sobre nós, temos a consciência da possibilidade de sermos tomados como objeto ou como transcendência-transcendida, da mesma forma que podemos fazer quando dirigimos nosso olhar ao Outro. Esta consciência de estar sendo olhado nos leva a percepção de que nosso corpo nos escapa, pois enquanto vivemos o *corpo psíquico* que Sartre explica, não existe uma certa preocupação com o que está fora de nós, somos o corpo. Quando o olhar do Outro é direcionado a nós, temos a preocupação do que o Outro fará ou pensará acerca de nós como corpo e ação, ou seja, como vida fora de seu centro de referência. Sartre afirma que:

[...] existo minha contingência enquanto a transcendo rumo a meus possíveis e ela me escapa sorratamente rumo a um irremediável. Meu corpo está-aí não somente como ponto de vista que sou, mas também como ponto de vista que jamais poderei alcançar; meu corpo escapa de mim por todo lado. [...] Uma vez que minha facticidade é pura contingência e revela-se a mim não teticamente como necessidade de fato, o ser-Para-outro desta facticidade vem multiplicar a contingência desta facticidade: ela se perde e me foge em um infinito de contingência que me escapa. (SARTRE, 1997. p. 442)

Desta forma, o olhar do Outro nos mostra um consciência que não é provável no modo de existir do Para-si, a consciência de nós como objeto para o Outro. O olhar do Outro nos faz vermos da forma que somos, e este ato pode mudar as forma que nos relacionamos com o mundo, ou seja, a aparição da vergonha, da timidez e etc., é resultado do olhar do Outro para

nós, nos tornamos corpos-alienados, por não termos mais a noção de controle; com o olhar do Outro, o próprio controle de nosso corpo é vigiado, trazendo assim uma sensação de instabilidade não conhecida antes da percepção de tal olhar.

E mesmo com a noção do olhar a si mesmo (corpo) como o Outro, já discutida anteriormente, traz a visão de meu corpo como corpo-Para-outro, “[...] a mão que seguro com a outra não é captada enquanto mão segurada, mas sim enquanto objeto apreensível. Assim a natureza de *nosso* corpo para nós nos escapa inteiramente, na medida em que podemos adotar sobre ele o ponto de vista do outro” (SARTRE, 1997. p. 449) mostrando assim a possibilidade de objetificação do olhar.

O Olhar dirigido ao Eu, é tomado como objetificador, pois se toma consciência que pelo olhar se tem a mesma percepção que o Eu tem quando olha o Outro, ou seja, uma percepção de objeto em meio a outros objetos com fundo de mundo. O olhar do Outro qualifica o Eu enquanto corpo. Este se vê como corpo-para-outro e não mais como Para-si, o olhar o mostra a contingência que é, demonstra sua facticidade de uma forma que não está acostumado a perceber,

[...] o Para-si existe sua contingência transcendendo rumo a seus possíveis, mas, no entanto, sua contingência lhe escapa em tua totalidade, na medida em que o corpo do Para-si “está-aí” não apenas como ponto de vista que o Para-si é, mas também como ponto de vista sobre o qual são adotados outros pontos de vista que o Para-si não tem controle ou conhecimento” (RENAUD, 2013. p.161),

esta falta de controle demonstra que o Para-si não é mais “dono da situação” não se resume mais ao mundo como visto e transcendido por ele, mas nota a existência do Outro que o toma como transcendência-transcendida e que o tomará a partir de suas próprias possibilidades e fins.

A terceira dimensão do corpo para Sartre se dá na questão do encontro com o Outro, o que ocorre com o corpo para si quando é visto pelo Outro. Existe uma fuga do si pelo fato de ter suas possibilidades restritas por esse olhar. Se toma o corpo como objetivado e frágil em relação aos julgamentos que podem provir do Outro, se torna sujeito às possibilidades que não são conhecidas por si mesmo, mas sim apenas pelo Outro. Através do olhar, torna-se um

corpo alienado a possibilidades próprias, o meu corpo torna-se corpo-para-outro, sendo assim, o Outro nos vê como realmente somos, e a partir disso tornamo-nos um corpo-alienado.

5. CONCLUSÃO

Concluimos que o pensamento sartriano acerca do corpo é de grande importância para estudos posteriores, por ser algo também que não é muito abordado dentro do pensamento existencialista. Mostrar as relações com o Outro através da via corporal traz reflexões diferentes, pois na filosofia de Sartre, o corpo é abordado fora da forma biofisiológica, juntando dois conceitos que até antes de tal pensamento só haviam sido dissociados um do outro: o corpo e a consciência. Ao mostrar a importância de tal reflexão, chegamos ao ponto de ter um olhar diferente acerca das teorias mais aceitas socialmente, como as com base científica, as quais Sartre afirma que tratam o corpo como dado, quando na verdade o corpo é vida e ação, é contingência no meio do mundo.

Tratar o papel do corpo, da visão sartriana, nas relações humanas se torna algo que não é visto geralmente, pois leva à reflexão outras questões importantes para o estudo acerca do ser, como a espacialidade e a temporalidade, como o corpo-consciência toma o espaço para si, e vê o tempo. Questões estas tratadas por filósofos da contemporaneidade pós-Sartre, e que trazem várias visões diferentes do que é feito do mundo pelo sujeito, como este pode ser-no-mundo. E mesmo em questão da interpretação e leitura do mundo, a visão sartriana leva uma abordagem diferente, onde o corpo é o único ponto de vista que não pode se ter um ponto de vista, e essa interpretação do mundo é exclusiva de cada Para-si, mostrando um conceito diferente de sensação.

A existência acompanhada se trata do ser que se percebe no mundo, sendo assim acompanhado deste, mas não apenas do mundo. A consciência que se toma quando se tem

noção de que não se está sozinho faz surgir o conceito da existência acompanhada, o ser vê o Outro, o tenta compreender, mantém relações com este, e a partir desta consciência de acompanhamento, de existência no mundo onde existe o Outro, muda a forma que o ser se comporta. Os seres semelhantes – e também diferentes – fazem surgir em si uma visão diferente da visão do Para-si, ela traz a visão do Para-Outro. A partir deste surgimento, se faz importante o ato do conhecimento do mundo, de si e do Outro, que também é perfurado pelo Nada de ser, que também é fadado ao fim desavisado, à angústia da realidade humana, à liberdade incondicional. O Outro é personagem essencial no mundo, pois é este que nos torna humanos, que nos dá a consciência de nossa própria contingência e facticidade e principalmente, a negação eterna que nos leva ao movimento da realidade, uma grande experiência destinada à finitude, ao Nada.

REFERÊNCIAS

- DE COSTA, Valmir. **Ontologia da negatividade em Sartre**. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- DERMOT, M. Sartre's treatment of the body in *Being and Nothingness*: the “double sensation”. In: BOULÉ, J. P.; O'Donohoe, B. **Jean-Paul Sartre: Mind and Body, Word and Deed**. Newcastle upon Tyne, UK: Cambridge Scholars, 2011.
- ECKER, Diego. **Fenomenologia da consciência e ontologia em Sartre**. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.
- FURLAN, R. **Desejo e formação de mundo em Sartre**: breve contraponto com Merleau-Ponty. *Memorandum*, Minas Gerais, vol. 22, p. 117-127, abr. 2012.
- GONÇALVES, A. I. **O problema do Outro em Sartre**. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo. Parte I**. Tradução: Márcia de Sá Cavalcante. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- HUSSERL, Edmund. **A Idéia da Fenomenologia**. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.
- PINTO, F.M.; FUCK, L.B. **O corpo e suas dimensões ontológicas na obra de Jean-Paul Sartre**. *Corporalogía*, Córdoba, Ano 1, vol. 2, n. 2, p. 35-56, Jun. 2009.
- RENAUD, V. L. **A facticidade do Para-si, o Outro e as três dimensões ontológicas do corpo em O Ser e o Nada, de Sartre**. *Pólemos*, Brasília, vol. 2, n. 4, dez. 2013.
- SANTOS, V. **Corpo e intersubjetividade em O Ser e o Nada**. *Theoria*, vol. 3, n. 8, 2011.
- SARTRE, J.P. **O Para-Outro**. In.: *O Ser e o Nada: ensaios de ontologia e fenomenologia*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1997.

